

Semiótica e interculturalidade: primeiras aproximações

Semiotics and interculturality: initial approaches

Alexandre Marcelo Bueno¹

Resumo: O tema da imigração traz alguns desafios às ciências da significação. Dentre elas, entender como elementos da cultura trazida pelos imigrantes são aceitos ou refutados pela sociedade de recepção. Para investigar os processos semióticos envolvidos nessa relação, o campo da gastronomia pode ser um interessante espaço em que conflitos e acordos ocorrem em relação ao gosto nacional. Para observar esse movimento, este trabalho selecionou dois perfis de restaurantes peruanos na cidade de São Paulo para compor seu corpus. O objetivo deste trabalho é examinar como restaurantes de grupos imigrantes minoritários, como os vindos da América Latina, constroem os seus sentidos em relação à cultura de origem para se inserir na cultura de recepção. Para isso, discute-se a noção de cultura pelo viés da semiótica discursiva e tensiva para, em seguida, propor um conceito inicial de interculturalidade. Pela práxis enunciativa, observou-se diferentes modos de atualizar os sentidos da cultura de peruana nos dois estabelecimentos selecionados. Assim, de um lado, há um esforço para se criar um simulacro da cultura peruana, mas baseada em estereótipos plásticos e pratos convencionais, por outro, uma releitura desses mesmos elementos, mas em uma perspectiva da alta gastronomia globalizada. Por fim, em maior ou menor grau, discute-se o papel do estereótipo (nacional ou global) na construção das identidades de ambos os estabelecimentos.

Palavras-chave: Imigração; Gastronomia; Interculturalidade; Semiótica.

Abstract: *The subject of immigration poses a number of challenges for the sciences of meaning. These include understanding how elements of the culture brought by immigrants are accepted or*

¹ Alexandre Marcelo Bueno, Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela FFLCH-USP, professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (PPGL-UPM)/bolsista de produtividade em pesquisa do CNPQ, <https://orcid.org/0000-0002-0798-3615>.

Papéis

rejected by the receiving society. To investigate the semiotic processes involved in this relationship, the field of gastronomy can be an interesting space in which conflicts and agreements occur in relation to national taste. In order to observe this movement, this work selected two profiles of Peruvian restaurants in the city of São Paulo to make up its corpus. The aim of this work is to examine how restaurants belonging to minority immigrant groups, such as those from Latin America, construct their meanings in relation to the culture of origin in order to insert themselves into the culture of reception. To do this, we discuss the notion of culture through the lens of discursive and tensive semiotics and then propose an initial concept of interculturality. Through enunciative praxis, we observed different ways of actualizing the meanings of Peruvian culture in the two selected establishments. Thus, on the one hand, there is an effort to create a simulacrum of Peruvian culture, but based on plastic stereotypes and conventional dishes, and on the other, a reinterpretation of these same elements, but from the perspective of globalized haute cuisine. Finally, to a greater or lesser extent, the role of the stereotype (national or global) in the construction of the identities of both establishments is discussed.

Keywords: *Immigration; Gastronomy; Interculturality; Semiotics.*

Introdução

A história da imigração no Brasil é marcada pela diversidade de origens dos grupos imigrantes no Brasil. Em um primeiro movimento, iniciado na primeira metade do século XIX, temos alemães, portugueses e espanhóis. Na segunda metade do mesmo século, os imigrantes italianos se tornaram predominantes. Os imigrantes japoneses iniciaram sua chegada ao Brasil no começo do século XX. Além desses grupos quantitativamente significantes, houve também imigração de sírios, libaneses, europeus do leste entre outros. Na segunda metade do século XX, os grupos mais tradicionais foram substituídos por um aumento de imigrantes latino-americanos: bolivianos, paraguaios e peruanos. Além disso, iniciou-se a imigração coreana e houve um incremento na imigração chinesa. Ainda nesse período, um número considerável de imigrantes advindos do continente africano, como, angolanos, malineses, nigerianos, camaroneses, entre outros, passaram a fazer parte da paisagem de grandes metrópoles brasileiras. Por fim, há ainda o fenômeno dos refugiados, como os haitianos e, mais recentemente, os venezuelanos no Brasil.

Desse modo, a entrada de diferentes grupos imigrantes no Brasil produz, como consequência, um igualmente diversificado universo de discursos. É

Papéis

possível encontrar isotopias que articulam temas sociais, econômicos, linguísticos, culturais, jurídicos etc. Ademais, cada isotopia pode articular forias positivas ou negativas, como discursos de aceitação, acolhimento e tolerância, mas também discursos de recusa, segregação, preconceito e intolerância.

Este brevíssimo percurso histórico não tem a pretensão de ser exaustivo nem de discutir as condições de chegada dos imigrantes ou de aprofundar as análises sobre as consequências de uma presença que pode gerar paixões distintas, como a familiaridade ou o estranhamento. Nesse caso, contudo, a oposição familiaridade e estranhamento (assim como seus desdobramentos, como o reconhecimento e o infamiliar) contribuem, de alguma forma, para uma mais rápida aceitação ou para uma brutal recusa da presença do imigrante e de tudo o que ele representa em termos de valores e significações (XXX).

O objetivo deste trabalho é discutir brevemente a noção de interculturalidade em uma perspectiva semiótica, tendo como base a presença de imigrantes no Brasil. Como objetivo secundário, visa-se a compreender como processos semióticos que articulam a discursivização e a plasticidade contribuem para a análise dos dois estabelecimentos selecionados, indicando a articulação de sentidos próprio da cultura de origem, mas também elementos tipicamente associados aos estabelecimentos comerciais análogos à cultura brasileira. Desse modo, espera-se apontar as distinções entre ambos os estabelecimentos como uma estratégia para indicar valores distintos com repercussões diferentes na dinâmica das relações interculturais entre imigrantes e sociedade brasileira.

Este artigo está dividido em três partes: a primeira vai tratar brevemente da noção de cultura pela perspectiva semiótica a partir da definição encontrada no Dicionário de Semiótica (Greimas; Courtés, 1983). Na mesma seção, será esboçada uma proposta de entendimento da interculturalidade a partir da semiótica tensiva de Claude Zilberberg (2004), em particular seu regime de mestiçagem. Na terceira parte, serão analisados dois restaurantes peruanos localizados na cidade de São Paulo como uma forma de explicitar a relação intercultural. A **hipótese** que norteia este trabalho é de que o processo intercultural ocorre por meio de diferentes sentidos que são mobilizados em cada

Papéis

um dos restaurantes e com implicações distintas para cada caso, a despeito de ambos serem restaurantes peruanos no Brasil. Assim, parte-se da ideia de que o restaurante imigrante é um objeto semiótico que articula em seu espaço o encontro intercultural por meio dos sentidos considerados típicos de uma cultura e, ao mesmo tempo, com traços da cultura brasileira no que se refere ao campo da gastronomia.

Para isso, será discutida a noção de cultura na teoria semiótica como um primeiro movimento de aproximação para, em seguida, se discutir a noção de interculturalidade.

Semiótica e cultura

Antes de começar a articular essas relações entre um conjunto de sentidos advindos dos imigrantes e a sociedade brasileira, é preciso partir de alguma definição de cultura, por mais difícil e arriscado que isso seja, já que há vários semioticistas que trabalham com essa perspectiva cultural, como Yuri Lotman (1998), François Rastier (2010) e Jacques Fontanille (2007), assim como grandes áreas do conhecimento, como a Antropologia e os Estudos Culturais. Não se pretende, contudo, esgotar a discussão neste trabalho. Pelo contrário, no prosseguimento da pesquisa, se intenciona refinar as discussões a respeito da noção de cultura e, conseqüentemente, de interculturalidade. Para este artigo, propõe-se algo como um ponto de partida para auxiliar uma discussão que se deseja aprofundar em trabalhos futuros. Assim, um primeiro movimento pode ser desencadeado a partir da definição de cultura que se encontra no Dicionário de Semiótica (1983):

1. Do ponto de vista semiótico, o conceito de cultura pode ser considerado coextensivo ao universo semântico, relativo a uma comunidade sociosemiótica dada. O projeto de uma semiótica da cultura (o de J. Lotman, por exemplo) precisa, por conseguinte, convocar o universo semântico – em particular seus dois componentes macrossemióticos que são a língua natural e o mundo natural – e tratá-lo como uma semiótica-objeto com vistas à construção de uma metasemiótica chamada “cultura”. Semelhante tarefa parece exorbitante porque corresponderia à descrição do conjunto das axiologias, das ideologias e das práticas sociais significantes. Desse modo, limitam-se o mais das vezes os

Papéis

estudiosos a essas construções ao mesmo tempo modestas – quantitativamente – e mais ambiciosas – qualitativamente – que são as descrições de epistemês consideradas oras como hierarquias de sistemas semióticos, ora como metassemióticas conotativas (Greimas; Courtés, 1983, p. 93)

Resumidamente, os semioticistas reconhecem a impossibilidade de se realizar um trabalho exaustivo para se tratar da totalidade da cultura como uma semiótica-objeto, uma vez que a descrição de um universo de sentidos como a cultura demandaria analisar todos os valores e práticas que ela engloba e, em seu limite, a definem. No entanto, Greimas e Courtés igualmente indicam a possibilidade de uma abordagem analítica da cultura por meio de um recorte quantitativo e qualitativo para se realizar uma generalização por meio da noção de episteme, que apresentamos abaixo, retirada do mesmo dicionário:

Pode-se igualmente definir epistemê como uma metassemiótica da cultura, isto é, como uma atitude que uma comunidade sócio-cultural adota em relação a seus próprios signos (Cf. J. Lotman, M. Foucault). Assim, por exemplo, para a cultura medieval o signo é essencialmente metonímico e remete a uma totalidade subjacente, enquanto para a cultura do Século das Luzes é ele ‘natural’ e denota perfeitamente as coisas. É ainda nessa perspectiva que R. Barthes pode dizer que o signo saussuriano é ‘burguês’. Assim concebida, a epistemê deve ser considerada como uma metassemiótica conotativa (Greimas; Courtés, 1983, p. 150-151)

Entendida como uma metassemiótica, a episteme seria uma atitude explicitada em relação aos próprios sentidos construídos por uma determinada comunidade. Essa atitude é tomada como uma conotação, na qual os sentidos são sobredeterminados por fazeres-interpretativos que articulam um tipo de sanção em relação aos significados de um ou vários discursos e práticas.

A conotação variaria em conformidade com as transformações históricas, segundo o exemplo dado pelos autores. Contudo, a conotação igualmente variaria de cultura para cultura, uma vez que ela é, concomitantemente, relativa e universal, conforme se reflete na segunda entrada da definição do verbete Cultura no Dicionário de Semiótica (1983):

Papéis

2. O conceito de cultura é, ao mesmo tempo, relativo e universal. Se se entende o mais das vezes por cultura a de uma comunidade linguística autônoma, nem por isso deixam de existir áreas culturais que transcendem as fronteiras linguísticas, tal como uma cultura humana planetária, caracterizada por práticas científicas, tecnológicas e até mesmo, em parte, por ideologias comuns. Uma distinção entre as microssociedades (ou sociedades arcaicas) e as macrossociedades (desenvolvidas) serve de base a duas abordagens diferentes, etnossemiótica de um lado, sociossemiótica, do outro” (Greimas; Courtés, 1983, p. 93-94, grifo dos autores).

Deixando de lado essa questão de sociedades “arcaicas” e “desenvolvidas”, porque é uma discussão já superada na Antropologia, é possível observar uma relação quantitativa interna à noção de cultura. Assim, haveria uma relação entre uma microssociedade, que passamos a chamar de comunidade e, em particular, de comunidade imigrante, e uma macrossociedade, isto é, a sociedade brasileira. O encontro dessas duas instâncias ocorreria no espaço da interculturalidade. Canclini (2004), apresenta a seguinte definição de interculturalidade, a partir da oposição com a noção de multiculturalidade:

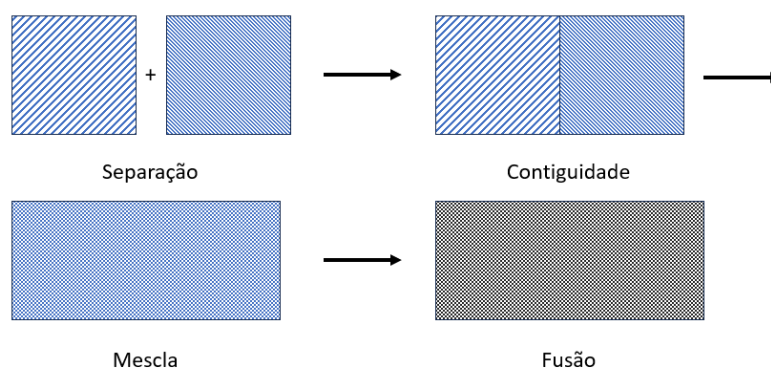
De um mundo multicultural – justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação – passamos a outro mundo intercultural globalizado. Sob concepções multiculturais se admite a diversidade de culturas, destacando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Ao contrário, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, o que ocorre quando os grupos entram em relação e trocas. Ambos os termos implicam modos de produção do social: multiculturalidade supõe a aceitação do heterogêneo; a interculturalidade implica que os diferentes são o que são em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos (Canclini, 2004, p. 15, tradução nossa).

A interculturalidade, segundo o antropólogo argentino, envolve o confronto entre o igual e o diferente, tomado como uma condição constitutiva da alteridade dos grupos minorizados. Já o multiculturalismo seria uma aceitação condescendente da diferença e da diversidade que pode levar à manutenção da segregação dos grupos estranhos a uma dada sociedade.

Papéis

Apesar dos méritos da definição de interculturalidade de Canclini, é preciso ainda observar que se trata de um discurso permeado por uma perspectiva disfórica a qual se pretende evitar em um primeiro momento para não enviesar a análise que se pretende desenvolver no espaço da interculturalidade. Por isso, para se desenvolver uma noção de interculturalidade em uma perspectiva semiótica, anterior mesmo à forização, se recorre ao modelo de Claude Zilberberg (2004) a respeito da mestiçagem.

Figura 1 – Processo da mestiçagem



Para Zilberberg, duas grandezas podem se colocar em relação de igualdade, a despeito de suas diferenças. A separação seria a indicação da distância existente entre ambas as grandezas. Na etapa seguinte, a da contiguidade, estabelece-se uma fronteira inicial entre as grandezas, que passam a ter uma interação, mas ainda sem qualquer tipo de mistura. Já na mescla, uma primeira mistura, na qual é possível ainda identificar o que diferencia uma grandeza da outra, apesar de misturadas. Por fim, na fusão, há a criação de uma nova totalidade a partir das duas anteriores, na qual já não há mais traços de sentidos anteriores à fusão.

Além disso, Zilberberg menciona um processo pressuposto entre duas etapas da mestiçagem. Trata-se da passagem da contiguidade para a mescla. Compreende-se que essa transformação ocorre, segundo seu modelo, de uma maneira abrupta, acelerada. Contudo, seguindo os preceitos do tempo na semiótica tensiva, é possível especular uma passagem desacelerada, lenta.

Papéis

Essa questão estava de certa forma prevista pelo próprio Zilberberg no seguinte trecho:

Toda aspectualização de um devir é condicionado pelo andamento, e tanto a análise quanto a síntese são condicionadas pela lentidão. O processo da mistura pode, conforme o caso, ser mais lento ou mais acelerado: neste, a síncope da contiguidade e da mescla transforma o advir em sobrevir, já que o processo passa sem transição, e principalmente sem retardamento para o observador, da separação à fusão. Sob o ponto de vista da sanção dessa transformação, a aceitabilidade e em seguida a legalização da mudança são em geral uma questão de tempo, isto é, de lentidão, ou ainda de paciência (Zilberberg, 2004, p. 77).

Desse modo, a relação entre contiguidade e mescla pode ocorrer como um sobrevir (acelerado) ou um advir (lento). Tomando então as grandezas como blocos de sentido entre culturas, é possível prever misturas mais ou menos aceleradas, ou seja, elementos de uma cultura estrangeira adentrando de modo a sobrevir em uma cultura de recepção ou, ao contrário, advindo de maneira discreta, por ser desacelerada. Assim, propomos a seguinte representação para interculturalidade:

Figura 2 – Proposta de modelo da interculturalidade



Adaptado de Zilberberg, 2004.

A interculturalidade seria uma espécie de interstício, produto de um processo lento de passagem da contiguidade à mescla que, em alguns casos, pode não chegar a ocorrer completamente, em outros, estaria mais do que consolidado (como, por exemplo, no campo da gastronomia, o consumo

Papéis

popularizado de massas, uma herança dos imigrantes italianos em São Paulo e cuja prática se estabeleceu no cotidiano a ponto de se comer em qualquer estabelecimento comercial popular, sobretudo às quintas-feiras, na cidade de São Paulo).

É nesse espaço constituído pela interculturalidade que podem, ainda, ocorrer as relações de sanção decorrentes do fazer-interpretativo que constituem os sistemas conotativos mencionados por Greimas e Courtés. Assim, é em um espaço inicialmente desprovido de forias (porque tensivo) que a práxis enunciativa pode articular os sentidos virtualizados da interculturalidade para atualizar sentidos mais ou menos próximos da cultura da alteridade ou mobilizar os sentidos já conhecidos da cultura do país de recepção dos imigrantes para, em seguida, projetar uma foria positiva ou negativa. Além disso, é preciso ainda mencionar o papel das estereotípias em relação à construção dos sentidos no espaço da interculturalidade, questão a ser melhor tratada na seção seguinte, na qual se realizará uma análise de dois espaços de restaurantes peruanos na cidade de São Paulo.

Semiótica, gastronomia e interculturalidade

O campo da gastronomia é bastante diverso e está em constante mudança. Uma citação de Simona Stano (2022), semioticista italiana que trabalha com os sentidos da gastronomia, para ajudar em nosso debate:

Assim como outros sistemas da semiosfera (Lotman, 1984), o universo gastronômico parece estar em contínua transformação e redefinição, com base em mecanismos que fazem a mediação entre estímulos propulsores e resistências à mutação. Trata-se de dinâmicas graduais e, em alguns casos, muito lentas que, no entanto, sofreram uma forte aceleração ao longo do tempo: nas cidades contemporâneas, os fluxos migratórios, os efeitos da globalização e o desenvolvimento da mídia tornaram os encontros (ou confrontos) entre diferentes culturas alimentares mais evidentes e constantes, intervindo mais rapidamente do que no passado nas "tradições" culinárias existentes (Stano, 2014, 2015b) e dando cada vez mais visibilidade a várias gastronomias emergentes (Stano, 2022).

Papéis

Esse é o caso do atual estado da gastronomia peruana na cidade de São Paulo. Nos últimos anos, é visível o aumento no número de restaurantes peruanos na cidade de São Paulo, graças aos efeitos da imigração e da globalização. Além disso, as redes sociais são também um fator que contribui para a visibilidade de novas gastronomias no espaço urbano, motivo pelo qual se optou por investigar os perfis dos dois restaurantes peruanos desta análise.

De todo modo, o surgimento de um restaurante imigrante ocorre no âmbito da cultura (ou da gastrosfera, como defende Stano), ou seja, do modo como uma nova grandeza entra em uma semiosfera e no campo de percepção de um enunciador. A partir desse encontro, se inicia um movimento de aproximação ou de afastamento dessa presença que representa uma sanção inicial tomada como uma conotação. Assim, as discursivizações se tornam mais complexas a partir das percepções que a sociedade brasileira vai formulando, com a articulação de sentidos como o conhecido ou o familiar e o desconhecido ou o estranho/esquisito, com base na modalidade do saber (XXX). Além disso, é possível também observar um outro conjunto de sanções ligadas ao gosto coletivo que modalizam sensivelmente o estabelecimento comercial imigrante e, sobretudo, os objetos que são ali oferecidos (comidas e bebidas): do “excelente” ao “péssimo”, passando pelo “diferente”, pelo “curioso” e até pelo “exótico” entre outras possíveis qualificações (XXXX).

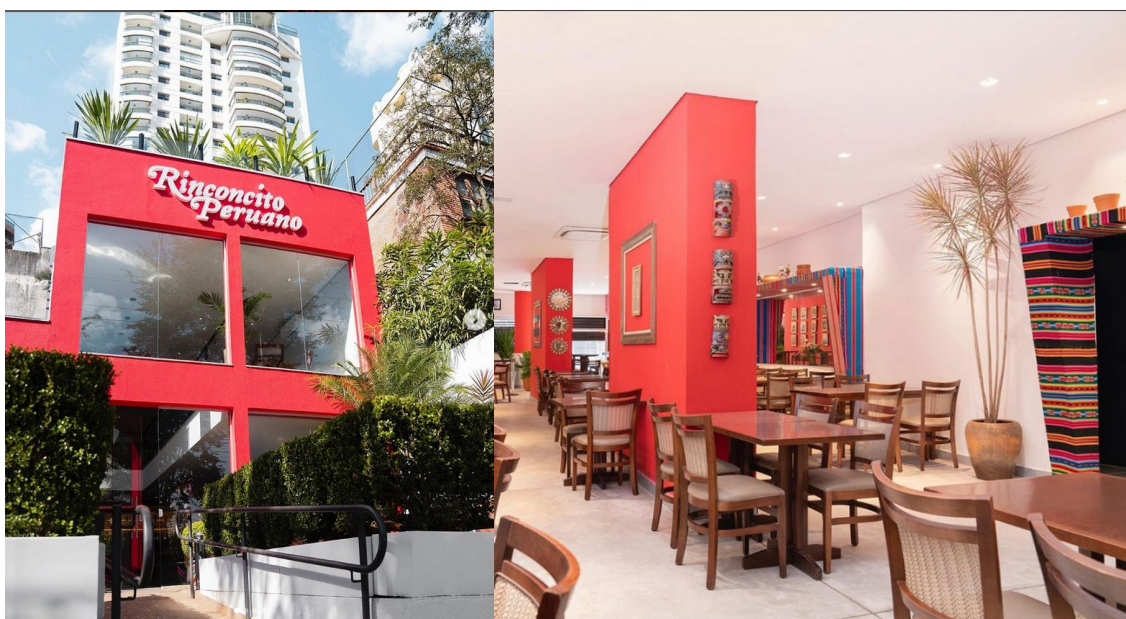
Dito isso, é no espaço da interculturalidade da gastrosfera que os restaurantes imigrantes se situam na sociedade brasileira. Isso porque entende-se que não há sentidos imaculados, puros ou completamente originais dos restaurantes imigrantes, mas sim sentidos já misturados, adaptados ou originalmente criados a partir de um fundo comum construído, em parte, pela estereotípi. Para isso, este trabalho selecionou dois restaurantes que se identificam como restaurantes peruanos na cidade de São Paulo e que, comprovadamente, apresentam chefes ou proprietários da mesma nacionalidade (traço sem o qual não se poderia dizer que se trata de um restaurante imigrante, mas um restaurante de culinária imigrante ou estrangeira). Os restaurantes são: Rinconcito Peruano e Ama.zo – Cozinha Peruana.

Papéis

Para entender como as diferenças entre os estabelecimentos são produzidas, é preciso recorrer à práxis enunciativa (Fontanille; Zilberberg, 2001). Trata-se de uma instância que mobiliza discursos (e arranjos plásticos) ligados a formas pré-determinadas para atualizar algumas, virtualizar outras. Em outras palavras, é uma chave analítica para explicar como os discursos “jogam” com os sentidos do estereótipo, com a inovação e com formas social e culturalmente (des)prestigiadas.

Começa-se com o espaço dos restaurantes nos perfis das redes sociais. O primeiro restaurante (Figura 3) – Rinconcito Peruano – apresenta uma configuração de restaurante comercial mais conhecido da cultura brasileira, um estabelecimento no qual as pessoas vão comer durante o horário do almoço em horário comercial. Trata-se de um espaço mais convencional no sentido de sua constituição plástica básica, como os equipamentos do restaurante (mesas e cadeiras), como se observa a seguir.

Figura 3 – Fachada e espaço interno do Rinconcito Peruano



Fonte: Instagram

Além disso, a dimensão cromática do branco e vermelho remete simbolicamente ao Peru, assim como alguns ornamentos nas paredes. No caso do Rinconcito Peruano, o que predomina é um tipo de estereótipo associado à um certo imaginário da cultura peruana que existe no Brasil, reiterado sobretudo

Papéis

pelas máscaras e outros objetos decorativos que remetem à civilização inca e à nação peruana (pelas cores da bandeira). Consequentemente, um eventual significado de sofisticação é virtualizado pela práxis enunciativa, dando lugar ao de popular, simples e até simplório ou ainda a justa medida que é facilmente reproduzida (tanto que o Rinconcito tem hoje 12 unidades em São Paulo, todos praticamente idênticos).

A isotopia do popular e do já conhecido pelo viés estereotipado (que joga com os sentidos já predeterminados pela cultura brasileira sobre a cultura peruana) é reiterada pelos pratos apresentados em seu perfil do Instagram (figura 4).

Figura 4 – Pratos “típicos” da culinária peruana



Fonte: Instagram

Nesse sentido, é preciso mencionar que o que se apresenta como um prato típico peruano é, na verdade, um recorte do universo cultural gastronômico peruano, que é uma grandeza mais complexa e rica de sentidos em sua origem. Em outras palavras, a ideia de “típico” só faz sentido para a sociedade brasileira que não conhece nem acessa diretamente esse universo cultural. Assim, é por meio do reforço dessas significações já existentes sobre a cultura peruana que o Rinconcito Peruano pode estabelecer o seu contato com a cultura brasileira, sobretudo por indicar, seja nas imagens das redes sociais, seja em seu cardápio, o nome do prato e, por vezes, do que ele é composto.

Papéis

Já o restaurante Ama.zo se constrói como um estabelecimento mais sofisticado, ligado aos sentidos da alta gastronomia em um mundo globalizado. Desse modo, as construções espaciais do restaurante indicam um efeito de autenticidade e de originalidade, baseado no valor de unidade. Contudo, é nesse universo da alta gastronomia que o Ama.zo aciona os estereótipos desse universo para se mostrar como pertencente a esse conjunto de sentidos. Seu espaço – um casarão localizado na região dos Campos Elísios – apresenta um aproveitamento do antigo quintal para apresentar uma outra experiência (Figura 5), remetendo aos sentidos do Peru amazônico (e cujo nome do estabelecimento reforça a isotopia) e não necessariamente à pátria peruana, uma vez que cromaticamente não há qualquer referencialização.

Figura 5 – Espaço do restaurante Ama.zo Peruano



Fonte: Instagram

Retome-se a segunda definição de cultura de Greimas e Courtés (XXX): os semioticistas haviam mencionado, no trecho anteriormente citado, sobre uma “cultura humana planetária”. No caso, o Ama.zo se constrói como um restaurante globalizado em relação aos signos que ele constrói para sua identidade, como uma marca sofisticada, global e exclusiva, como já mencionado. O valor de unicidade lhe confere o efeito de uma marca única, que traz para o contexto

Papéis

brasileiro uma culinária própria, apesar de baseada na gastronomia peruana, que se torna atenuada pela competição dos sentidos ligados à globalização no movimento de realização produzido pela práxis enunciativa.

A ideia de sofisticação é reiterada por meio dos pratos (Figura 6) elaborados pelo chefe proprietário do restaurante, elemento fundamental para inserir o estabelecimento no conceito de alta gastronomia.

Figura 6 – Pratos do restaurante Ama.zo Peruano



Fonte: Instagram

Ocorre, nesse caso, uma transformação nos pratos servidos no restaurante a partir da ação do chefe e de sua criatividade ao combinar outros produtos que não os esperados em um restaurante peruano comum na cidade de São Paulo. Mesmo assim, a relação intercultural se mantém, na medida em que na virtualidade da práxis enunciativa, se sustenta a memória do restaurante peruano, mas com elementos advindos de uma cultura gastronômica global (que se atualiza na constituição espacial e no uso dos equipamentos do restaurante), no sentido dos estabelecimentos pensados por chefes que se destacam por ir além do cozinhar propriamente dito.

Papéis

Em suma, o que se observa nos dois casos é uma distinção tensiva em relação à presença da gastronomia peruana: no caso do Rinconcito Peruano, a presença é marcadamente forte, com o sentido de ser um representante da culinária típica do país andino. No caso do Ama.zo Peruano, a presença da cultura peruana é atenuada por um duplo movimento: pela individualidade criativa do chefe e pela presença de sentidos que remetem, ainda que estereotipadamente, a elementos de uma alta gastronomia cujo padrão é global.

Considerações finais

Por caminhos distintos, ambos os restaurantes se aproximam de um centro da semiosfera gastronômica brasileira. De um lado, por sentidos globais (o Ama.zo), outro por sentidos convencionais (Rinconcito Peruano). O que há em comum em ambos os estabelecimentos é o processo de reconhecimento e de popularização da culinária peruana, sem perder seu simulacro estereotipado de uma gastronomia peruana supostamente pura em sua simplicidade (o que não deixa também de ser uma resistência a qualquer tentativa de adaptação com vistas à assimilação) ou por uma sofisticação que não pode ser reproduzida em outro espaço que não aquele do próprio Ama.zo.

De todo modo, o que se observa é que o processo de interculturalidade com a presença de imigrantes pode tomar diferentes formas e rumos em sua relação com a cultura brasileira. Ao menos neste trabalho, ele tem, de um lado, um viés mais comercial e convencional, que visa a popularização de um tipo de gastronomia peruana. De outro, uma proposta não necessariamente popular, mas que prima pela inovação, pela criatividade e pela sofisticação, marcando assim seu lugar de destaque na mistura de elementos culinários peruanos, mas mirando sua inserção no mundo globalizado da alta gastronomia.

Nessa negociação de sentidos dos restaurantes peruanos – sentidos mais ou menos próximos de uma ideia estereotipada de Peru – não é possível negar que, como afirma Canclini, o outro é tomado como um outro (“os diferentes são o que são”) e, por diferentes maneiras, vão se tornando mais ou menos familiares no universo cultural e gastronômico brasileiro.

Papéis

Referências bibliográficas

- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguales y desconectados**: mapas de la interculturalidad. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.
- FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2007.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. São Paulo: Humanitas Discurso, 2001.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- LOTMAN, Iuri. **La sémiosphère**. Limoges: PULIM, 1998.
- RASTIER, François. **Ação e sentido por uma semiótica das culturas**. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2010.
- STANO, SIMONA. Ciudades, migraciones y gastronomías emergentes: de la materia alimentaria a los procesos de significación. In: CUEVAS CALDERON, Elder; FINOL, Jose Enrique (Orgs.) **Semiótica de la ciudad**: Prácticas, imaginarios y narrativas. Lima: Fondo Editorial de la Universidad de Lima, 2022.
- ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kátia Eliana (Orgs.) **O olhar à deriva**: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004.

Recebido em: 10-02-2024

Aprovado em: 30-03-2024